

**O PROCESSO DA MONOTONGAÇÃO
NOS FALARES DE PLÁCIDO DE CASTRO (AC)**

Francisca Luana da Costa Santos (CED-AC)

luanasantos_angel@hotmail.com

Lindinalva Messias Chaves (CED-AC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

Como se sabe, a monotongação é uma “mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples” (CÂMARA Jr., 1977, p. 165). Para exemplificar esse fenômeno, os autores da linguística e da língua portuguesa costumam citar como exemplos palavras como dinheiro e louça, pronunciados por vários falantes brasileiros [dinhêro] e [lôça], com o apagamento das semivogais do ditongo. A monotongação como fato linguístico tem sido bastante discutida no português do Brasil, porém, essas descrições restringem-se, na maioria das vezes, a estudos sobre os falares das regiões sul e sudeste do país, razão que nos levou a fazer, neste estudo, uma descrição dos padrões utilizados na fala de informantes placidianos. Foram considerados fatores linguísticos e extralinguísticos na análise voltada para a realização variável dos ditongos decrescentes /ow/ e /ey/, num corpus obtido por meio de aplicação de questionário específico.

Palavras-chave:

Monotongação, variação, língua portuguesa, Plácido de Castro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que trata do fenômeno variável da monotongação, iniciou-se em agosto do ano 2005 e está vinculado ao projeto de pesquisa *A descrição do Português falado no Acre: aspectos linguísticos e culturais*, desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos dos Discursos do Acre. A monotongação como fato linguístico tem sido bastante discutida no português do Brasil, porém, essas descrições restringem-se, na maioria das vezes, a estudos sobre os falares das regiões sul e sudeste do país, razão que motivou a elaboração deste subprojeto desde suas fases iniciais.

Partindo do pressuposto que a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ é fato notório na fala acreana, temos procurado responder às seguintes questões:

- a monotongação na fala acreana pode ser considerada um caso de variação estável?

- quais são os fatores linguísticos que condicionam essa realização nas produções de 33 locutores do município de Plácido de Castro? Quais são os fatores sociais?

Nossos objetivos principais são: contribuir para a descrição sistemática da variante do português falada no Acre e produzir um *corpus* que possa ser objeto de análises com vistas à comparação com dados de outras regiões do país. Já em andamento há alguns anos, a pesquisa percorreu as seguintes etapas: análise das gravações da fala de seringueiros do Vale do Acre, municípios de Rio Branco, Xapuri e Plácido de Castro, em *corpus* retirado de gravações feitas entre os anos 1980 e 1988; estudo de *corpus* referente ao Vale do Purus (municípios de Assis Brasil, Manoel Urbano e Sena Madureira) e Vale do Juruá (municípios de Cruzeiro do Sul, Feijó e Tarauacá)³³; exame da fala de informantes de áreas urbanas, com gravações atualizadas, o que possibilitou uma comparação entre dados da zona rural e dados da zona urbana. Essa fase, realizada em 2007-2008, num primeiro momento, contemplou informantes do município de Rio Branco e no ano 2008-2009, estudamos essa realização variável na zona urbana do município de Plácido de Castro.

1. A monotongação

Para que se entenda em que consiste a monotongação, é necessário descrever, ainda que sucintamente, os segmentos vocálicos nos quais ela ocorre, ou seja, os ditongos. A propósito, Cristófaró Silva (1999, p. 90) informa que, comumente, os ditongos são tratados como uma sequência de segmentos.

Um dos segmentos da sequência é interpretado como uma vogal e o outro é interpretado como [...] semivogal". A terminologia para este segundo segmento é variada; além de semivogal, encontramos na literatura, semivocoide, semicontoide, vogal assilábica ou *glide*. Sabemos que um segmento vocálico é caracterizado pela não obstrução da passagem da

³³ Gravações efetuadas pela equipe que integrava o Centro de Estudos Dialetológicos do Acre (CEDAC) na época.

corrente de ar pelo trato vocal e que, em sentido contrário, os segmentos consonânticos caracterizam-se pela obstrução dessa passagem, resultando em um ruído de explosão ou de fricção. Um ditongo, em termos fonéticos, é “uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p. 90).

A autora descreve os movimentos articulatórios na produção dos ditongos: “[...] um movimento contínuo e gradual da língua entre duas posições articulatórias. Tal articulação ocupa uma única sílaba”.

Em definição gramatical, Ulisses Infante (2005, p. 65) diz que ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal. O encontro vogal + semivogal é chamado ditongo decrescente.

O surgimento desse processo remonta ao português europeu. Teyssier (1994, p. 63), registra a monotongação de [ow], ([o]), como uma manifestação surgida no século XVII na região sul e na maior parte do centro de Portugal e de [ey], ([e]), como fenômeno que apareceu também no sul desse país, no século XVIII.

O processo é tratado, com maior ou menor brevidade, nas gramáticas e compêndios escolares bem como nos manuais e dicionários de Linguística. Assim, para Dolores Garcia e Manoel nascimento (1970, p. 60) “monotongação é a simplificação de um ditongo em uma vogal” e para Jean Dubois (1973, p. 650) “é a passagem de um ditongo ou um tritongo a um monotongo”.

Vimos acima, com Cristóforo Silva (1999, p. 90), que o ditongo é “uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”. Já as vogais, continua a autora, “que não apresentam mudança de qualidade são chamadas monotongos”. Nas produções dos falantes de língua portuguesa pode ocorrer a seguinte situação:

O ditongo decrescente [ow] pode ser reduzido a [o]: “couro” [kofu]. Esta redução se dá na maioria dos substantivos e adjetivos, exceto quando o ditongo [ow] ocorre em final de palavras (Moscou). Em formas verbais, a redução se dá em meio de palavra e em final de palavra: “dourar” [dofáh] e “sou” [so]. (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p. 99).

De forma mais resumida, Trask (*apud* ARAGÃO, 2000) define a monotongação como qualquer processo fonológico no qual um

ditongo se converte em monotongo.

Labov (1981, 1994) já havia definido a monotongação como um fenômeno de mudança sonora que se implementa segundo regras neogramáticas. Em outras palavras, este fenômeno estaria associado a fatores estritamente fonéticos. Neste trabalho, adotamos esta posição, esclarecendo, desde logo, que não nos voltamos para a explicação desse processo por meio de teorias fonológicas, estudo que demandaria mais tempo e outros tipos de análise.

A monotongação faz parte das características das variantes da língua portuguesa, variantes provenientes das diversidades culturais que cada agrupamento humano desenvolve. São tendências regionais do grupo que refletem os recortes que cada um faz do ambiente em que vive. Faraco (1998, p.18) escreveu:

Toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades e cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa: como ele se constitui, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão do mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante.

Em geral, os estudos sobre esse processo apontam os seguintes elementos como fatores intervenientes na ocorrência ou inoocorrência da monotongação dos ditongos [ej] e [ow] no Brasil:

- o tepe ou vibrante simples constitui-se no fator fonético que mais contribui para o apagamento das semivogais;
- ao contrário, o ambiente pré-vocálico, via de regra, exerce o papel de mantenedor da semivogal;
- a monotongação independe de fatores sociais.

Neste trabalho, fazemos vários experimentos em busca da confirmação da influência dessas variáveis nos falares de informantes placidianos.

Além das noções de Fonética Descritiva, já apresentadas, utilizamos alguns parâmetros da Teoria da Variação Linguística, modelo teórico-metodológico também denominado de Sociolinguística Quantitativa por trabalhar com a quantificação dos dados, operando com tratamento estatístico.

2. Percurso metodológico

A pesquisa foi constituída, principalmente, de três etapas: coleta, transcrição fonética dos dados e análise. Para a coleta foi elaborado e aplicado aos informantes um questionário específico, cujas respostas compreenderam contextos fonéticos necessários para uma análise de amplo alcance, evitando-se as restrições ocorridas na primeira e segunda etapas da pesquisa, em que vários dos contextos presumidos não foram encontrados. Pretendíamos obter os ditongos decrescentes /ey/ e /ow/ nos seguintes contextos:

/ey/ - /ey/ + t; - /ey/ + tS; - /ey/ + S; - /ey/ + Z; - /ey/ + r; - /ey/ + l;

- /ey/ + vogal.

/ow/

- /ow/ + p; - /ow/ + b; - /ow/ + t; - /ow/ + k; - /ow/ + g; - /ow/ + f; - /ow/ + v;

- /ow/ + s; - /ow/ + z; - /ow/ + S; - /ow/ + r; e - /ow/ em final de palavras verbais.

No que se refere ao universo da pesquisa, esta compreendeu 33 informantes em Plácido de Castro, dentre os quais, 7 possuíam nível superior, 15 nível médio e 11 nível fundamental. Dos 33 informantes, 15 são do sexo masculino e 18 do sexo feminino.

Após as gravações, efetuamos a transcrição fonética do *corpus* coletado, utilizando o Alfabeto Fonético Internacional. Essa transcrição foi feita para todos os dados, assim organizamos um banco de dados já prontos para qualquer análise do ponto de vista fonético. Foram 1.501 produções, 519 de [ey] e 982 de [ow]. Nos experimentos deste trabalho, eliminamos, desses totais, 1 vocábulo contendo /ey/ e 3 vocábulos contendo /ow/ por considerá-los inadequados para os objetivos perseguidos.

Para o levantamento de dados estatísticos das transcrições fonéticas de entrevistas realizadas no município de Plácido de Castro, agrupamos todas as palavras que apresentavam os ditongos decrescentes [ey] e [ow] segundo as variáveis independentes em observação: modo ou maneira de articulação da consoante seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte, número de sílabas das palavras em que ocorre o ditongo, tonicidade da sílaba em que o

ditongo se encontra e, por último, a ambiência pré-vocálica do ditongo /ey/. Em seguida, o mesmo procedimento foi tomado em relação às variáveis extralinguísticas: gênero, escolaridade (níveis fundamental, médio e superior) e faixa etária dos informantes.

Cabe salientar que essa base metodológica foi tomada de empréstimo da sociolinguística quantitativa proposta por Labov (1972) também denominada Teoria da Variação, que oferece meios para a sistematização das influências exercidas pelos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre as variáveis em estudo.

Estabelecido o *corpus* e feita a transcrição fonética, fizemos experimentações com as variáveis linguísticas e extralinguísticas já mencionadas. Para os experimentos, selecionamos, por sorteio, até 3 palavras para cada uma das categorias acima elencada. Em alguns casos, geralmente em decorrência do próprio sistema da língua portuguesa, não foram registradas ocorrências ou estas ficaram em número menor do que 3.

3. Discussão

Conforme já dito na metodologia, o *corpus* foi constituído de 1.501 vocábulos, 519 com /ey/ e 982 com /ow/. Quanto ao ditongo /ey/, com todos os contextos confundidos, houve 45% de permanência do ditongo e 55% de monotongação. Com o ditongo /ow/, o percentual de permanência do ditongo diminuiu para 31% e o percentual de monotongação subiu para 69%. Por esses primeiros resultados, já se percebe que o processo é mais forte com /ow/. A partir dessa primeira inspeção, de cunho geral, fizemos vários experimentos com o *corpus*.

Assim, realizamos um experimento para cada fator elencado na metodologia. Em todas as experimentações, utilizamos até três palavras do *corpus* para cada informante, o que resulta em até 99 realizações no total para cada variável. Como trabalhamos apenas com números brutos e porcentagens, nossa preocupação era a de que uma disparidade excessivamente elevada entre o número de realizações dos informantes falseasse os dados.

Em todos os casos, a seleção das palavras foi feita de forma

aleatória; neste primeiro experimento apenas com os modos tepe e fricativa, alcançamos o teto máximo de três palavras. Note-se que essa divergência no número dos contextos se deve, conforme já mencionado na metodologia, a fatos intrínsecos à língua tais como baixa produtividade de determinado segmento em determinado contexto e contextos encontrados em palavras não muito comuns, difíceis de se induzir o falante a proferi-las. Por essa mesma razão, alguns informantes, por vezes, não deram como resposta a palavra esperada, fornecendo outra em seu lugar, que não continha o ditongo.

Observamos, em primeiro lugar, os dados que se referem ao primeiro fator linguístico, o *modo de articulação da consoante seguinte*. Neste caso, os dados apontam para o tepe alveolar como fator de maior influência para a monotongação na categoria modo de articulação da consoante seguinte a [ey]. Das 99 produções desse segmento consonântico, houve 68 ocorrências de apagamento (69%) e 31 ocorrências de manutenção da semivogal (31%). Em seguida, temos a fricativa com 62 casos de apagamento da semivogal, ou seja, um percentual de 63%, e 37 ocorrências (37%) de manutenção, num universo quantitativamente igual ao do tepe, 99 realizações. A africada [tʃ] vem logo atrás com 14 (42%) apagamentos e 19 (58%) manutenções da semivogal, mas, desta feita, o total de articulações foi reduzido para 33. Por último, vem a lateral. Neste caso, de um total de 33 ocorrências, houve somente 5 (15%) apagamentos contra 28 (85%) manutenções da semivogal.

Em relação ao ditongo [ow], o número de produções é o mesmo, 99 realizações, para cada uma das variáveis e não houve casos desse ditongo seguidos da africada ou da lateral, conforme ocorreu com o ditongo [ey]. Ainda da mesma forma como se passou com [ey], o fator tepe mostrou-se o mais determinante no processo de monotongação do [ow], com 79 (80%) apagamentos e 20 (20%) manutenções da semivogal. Em segundo e terceiro lugares, vêm a oclusiva e a fricativa. A primeira aparece com 62 apagamentos (63%) e 37 (37%) manutenções e a segunda com 48 (48%) e 51 manutenções (52%) da semivogal.

Os resultados, tanto os relativos a [ey] quanto os relativos a [ow], confirmam o tepe como o fator mais favorável ao processo de monotongação, conforme anunciado diversas vezes na literatura.

Uma explicação plausível do ponto de vista articulatório é a posição da língua para a produção dos segmentos. Para a articulação da semivogal alta o dorso da língua está recuada em direção à região palatal e para a articulação do tepe a língua deve abaixar-se e avançar em direção aos alvéolos. A articulação da vogal média e, mais próxima da do tepe, facilita o movimento e propicia a monotongação.

No que se refere aos dados concernentes ao *ponto de articulação da consoante seguinte* ao ditongo [ey], apenas dois pontos de articulação, alveolar e palatal, foram encontrados no *corpus*, os demais não se mostrando produtivos na língua portuguesa. Os dados repetem os mencionados para o modo de articulação, mas consideramos importante repeti-los para frisar a influência exercida pelo tepe, que é uma articulação alveolar e do papel exercido por outra articulação alveolar, o [l]. Observa-se que os casos de apagamento da semivogal foram em número bastante reduzido (05 ocorrências, 15%) quando o contexto subsequente era ocupado por este segmento consonântico, ao contrário do que ocorre com o tepe, 68 (69%) apagamentos. Isso confirma, conforme preconizado na literatura, que é o tepe e não o ponto de articulação alveolar que favorece o processo de eliminação da semivogal. Outro argumento em favor dessa interpretação é o fato da não suscetibilidade do ditongo à monotongação quando seguido da consoante alveolar [t] em palavras como peito e deitado. Registremos, ainda, que os casos de monotongação de [ey] em “leilão” ocorreram entre a população de nível fundamental, 3 informantes, e de ensino médio, 2 informantes. Talvez fosse possível pensar que a monotongação está ocorrendo mais em função de uma falta de familiaridade com o vocábulo do que por força da influência de [l]. É um caso pendente que necessita de maiores estudos.

No concernente à articulação seguinte, quando esta é palatal, a quantidade de apagamentos continua alta; são 62 (63%) apagamentos da semivogal contra 37 (37%) manutenções. Sobre essa incidência de monotongação com a palatal, Bagno (1999, p. 60) explica que o “glide sendo um som alto diante da consoante palatal, é assimilada a este último segmento, configurando, pois, não uma simplificação de [ey] em [e], mas uma assimilação de [y] à consoante palatal posteriormente contígua.

Para o ditongo [ow], em três casos os cálculos foram feitos

com base em duas realizações, o que resulta num total de 66 produções tanto para o ponto de articulação bilabial quanto para o labiodental e para o palatal. Para as articulações alveolar e velar foram consideradas 3 produções, portanto um total de 99 para cada uma.

Em todos os casos a porcentagem de monotongação é maior do que a de não monotongação, variando de um pouco mais da metade de 100%, 56%, no caso da articulação bilabial, a 83% no caso da alveolar. Detalhando quanto ao ponto de articulação, temos: - fator mais forte: articulação alveolar com 82 ocorrências, 83% de monotongação contra 17 ocorrências, 17% de não monotongação; - articulação labiodental com 51 ocorrências, 77% de monotongação contra 15 ocorrências, 23 % de não monotongação; articulação velar com 70 ocorrências, 71% de monotongação contra 29 ocorrências, 29% de não monotongação; - articulação palatal com 43 ocorrências, 65% de monotongação contra 23 ocorrências, 35% de não monotongação; - bilabial com 37 ocorrências, 56% de monotongação contra 23 ocorrências, 35% de não monotongação.

Da mesma forma que ocorre com [ey] quanto ao modo de articulação, é o tepe alveolar que se mostra mais favorável à monotongação.

Nos dados referentes ao *número de sílabas da palavra em que ocorre* o ditongo, ou seja, à *extensão* do vocábulo, eliminamos a categoria “monossílaba” pela razão evidente de não haver monotongações nesse caso, por exemplo, o vocábulo “rei”. Assim, trabalhamos apenas com as categorias “dissílaba”, “trissílaba” e “polissílaba”. Dentre estas, foi a última que se revelou mais favorecedora da monotongação com 55 casos registrados (83%) contra apenas 11 manutenções (17%) num universo de 99 produções. Em seguida, vêm as palavras trissilábicas com 68 (69%) articulações monotongadas e 31 (31%) não monotongadas. Nas palavras com duas sílabas, a porcentagem da monotongação é ligeiramente menor, 62 (63%), registrando-se 37 casos (37%) de conservação da semivogal.

Uma observação se faz necessária quanto ao vocábulo cabeleireiro. Houve diversas variantes, além da considerada pertencente à norma padrão, culta, falada por 2 informantes. Assim tivemos: cabeleru (7 informantes); cabelereiro (10 informantes); cabileria (1 informante); cabeleleru (7 informantes); cabeleleiru (5 informantes);

cabelêru (1 informante). Consideramos que houve monotongação em todas as variantes.

Ao se tratar do ditongo [ow], conservamos a categoria “monossílaba” por ser, ao contrário de [ey], passível de monotongação em palavras monossílabas. Contudo, é o contexto polissilábico que continua levando vantagem no apagamento da semivogal com 26 ocorrências (79 %) contra 6 ocorrências (21 %) de conservação do segmento vocálico e conseqüente não monotongação do ditongo. Observe-se, todavia, que o universo é menor do que o dos vocábulos anteriores.

Logo atrás das polissílabas, as palavras monossilábicas também se revelaram um forte fator para a monotongação com 75 ocorrências (76% do total) e 24 casos de manutenção da semivogal (24%). Em terceiro lugar, as trissílabas aparecem com 74 (75%) ocorrências de monotongação e 25 (25%) de não monotongação. Por último, vêm as dissílabas 67 (68%) apagamentos da semivogal e 32 (32%) manutenções do ditongo.

Note-se que a monotongação aparece com índices de ocorrência bastante elevados em todos os casos, superando os índices de [ey]. Este resultado é similar ao encontrado por Amorim (s.d.).

Tanto no caso de /ey/ quanto no de /ow/, os dados apontam para se considerar a extensão da palavra como um fator relevante para a monotongação, o que poderia ser explicado pelo fato de que, em elocuições mais longas, segmentos se perdem; essa característica se aplica não somente aos ditongos, mas a qualquer segmento e para tornar evidente tal afirmação, parece ser suficiente lembrar a quantidade de sínopes e de elisões feitas na fala espontânea. No entanto, essa explicação não dá conta do fato de serem os monossílabos que aparecem em segundo lugar. Isso se deve, provavelmente, ao traço alto da semivogal [u] e não à extensão da palavra. Efetivamente, o [u] alto parece ser de difícil articulação ao lado do [o] médio. Sem um ponto de apoio do segmento seguinte, a tendência é a monotongação.

Quanto à variável *tonicidade da sílaba em que o ditongo se encontra*, como de costume, iniciamos com o ditongo [ey]. Não parece haver uma diferença significativa no número de monotongações

quando se trata da posição da sílaba quanto ao acento: são 59 ocorrências (89%) de apagamento da semivogal na posição pré-tônica em face de 54 (82%) produções com o mesmo apagamento na posição tônica. Isso nos leva a descartar a tonicidade ou atonicidade da sílaba como contexto condicionador do processo.

No que se refere ao ditongo [ow], ainda levando em consideração a posição da sílaba em que o ditongo se encontra, se pré-tônica ou tônica, temos a seguinte situação: em 99 produções na posição pré-tônica, 68 (69%) foram monotongadas e 31 (31%) mantiveram o ditongo; em igual número de produções na posição tônica, 73% (72 ocorrências) sofreram monotongação e 27% (27 ocorrências) preservaram o ditongo.

Acreditamos, baseadas não apenas nesses dados, mas nos de todo o *corpus*, que a tonicidade não demonstrou ser um fator relevante para a monotongação neste estudo. Nos exemplos elencados na tabela 8, outros fatores, tal qual a natureza da consoante seguinte, podem estar agindo.

Por fim, testamos a variável *ambiente pré-vocálico* referente ao ditongo [ey]; não houve ocorrências do ditongo [ow] nesse contexto.

Dez produções do vocábulo “teia” foram descartadas, pois os informantes usaram as variações “telha” e “tãha” de aranha. Nas 89 produções que restaram, houve 17 apagamentos da semivogal (19%) e 72 manutenções (81%). Lembremos que este ambiente, pré-vocálico, é tido, via de regra, como favorecedor da manutenção do ditongo. Embora o número de ocorrências monotongadas seja relativamente baixo na tabela 1, este é um fato que merece maiores aprofundamentos e a constituição de um *corpus* específico.

O primeiro impulso é creditar as monotongações à variável escolaridade, mas esta não parece ter um papel preponderante já que as monotongações se distribuem pelos três níveis: no caso do vocábulo ceia, por exemplo, no nível fundamental foram 3 monotongações, 5 permanências do ditongo; três produções foram excluídas conforme explicação acima.

Na população de ensino médio foram 03 monotongações, 8 permanências e 4 excluídas. Na população de nível superior ocorre-

ram 3 monotongações, 3 permanências e 1 excluída.

Do ponto de vista articulatório, é fácil recorrer à lei do menor esforço para explicar a articulação monotongada, afinal a emissão do ditongo, nesses casos, exige maior força do que a forma monotongada. Contudo, deve-se pensar em mais vocábulos e, também, em variar o ambiente vocálico subsequente; por exemplo, ocorreria o mesmo com “feio”? outro questionamento que se põe é quanto ao timbre da vogal: haveria risco de monotongação com “ideia”? Este é um segundo caso pendente, merecedor de ser revisitado.

Passando às variáveis extralinguísticas, conforme anunciado na introdução e na metodologia, iniciamos pela variável *escolaridade*. Seleccionamos, propositadamente, os mesmos vocábulos para os três níveis de ensino. Convém relembrar que o universo é composto por onze informantes com nível fundamental, quinze com o nível médio e 7 com nível superior. Entretanto, decidimos seleccionar 7 informantes para cada nível, por questões de homogeneidade dos dados.

Registramos que a maior incidência de monotongação não ocorre na população de ensino fundamental como se poderia, em um primeiro momento, supor. O maior número de monotongação foi realizado pela população de ensino médio, 14 ocorrências - 67%, não muito distante do realizado pela primeira população, 11 ocorrências, 52%. Note-se, contudo, que a quantidade de apagamento da semivogal para os de ensino superior é bem menor, 7 ocorrências, ou seja, 33% do total de 21.

Trabalhando com o ditongo [ow], também não variamos os vocábulos. Aqui, a ordem dos contextos condicionantes da monotongação é um pouco diferente da ordem referente a [ey]: indivíduos com ensino fundamental em primeiro lugar (18 produções monotongadas, 86%); os de ensino médio aparecem em segundo lugar (15 produções monotongadas, 71%); e os de ensino superior vêm por último (9 produções monotongadas, 46%). A população de ensino superior repetiu a performance da tabela n. 11, apresentando o índice mais baixo.

Como se vê, há uma oscilação entre a população de nível fundamental e de nível médio que apresentam, inclusive, número de

monotongações bastante aproximado. Em vista disso, repetimos o experimento com outro ponto de articulação, alveolar para [ey] e velar para [ow]:

Quando o ponto de articulação seguinte a [ey] é alveolar, as porcentagens para a monotongação continuam altas e obedecem à mesma ordem dos dados da tabela n. 12: mais alta para o ensino fundamental (76%), seguido do ensino médio (67%) e do ensino superior (52%). Observe-se que nos três casos, os percentuais ultrapassam 50%.

Essa tendência detectada se repete para o ditongo [ow], ou seja, a população de ensino fundamental vem em primeiro lugar (100% de produções monotongadas), a de ensino médio em segundo (76%) e a de ensino superior em terceiro (67%). Devemos observar, contudo, que a distância entre as quantidades de monotongação atribuídas às duas últimas populações não é grande e que nos três casos as porcentagens são altas. Isso nos leva a crer, por um lado, que, muito mais que o fator escolaridade, são os fatores extralinguísticos que estão agindo nas articulações de [ey] e de [ow] e, por outro lado, que pode estar havendo um controle da fala por parte da população de ensino superior. Esse é um elemento que deve ser contornado nas pesquisas posteriores utilizando-se *corpus* de fala livre.

Note-se, ainda, que os percentuais relativos à monotongação de [ow] são maiores dos que os de [ey], o que também confirma uma tendência atestada em outros estudos. Aliás, essa é uma tendência que se repete de forma mais ou menos uniforme em todo o *corpus*.

A segunda variável social observada foi a questão do *gênero*. Lembremos que são 15 homens e 18 mulheres que atuaram como informantes, no entanto, utilizamos dados referentes a 15 deles em cada categoria, pois assim as duas populações ficam similares em termos de componentes.

Nos nossos dados, os homens produzem visivelmente mais monotongações do que não monotongações (24 ocorrências, 53% contra 21 ocorrências, 47%) e monotongam mais do que as mulheres, estas detentoras de 19 ocorrências, 43%, que preservam mais o ditongo (26 ocorrências, 57%).

Mas tal situação não se repete nos dados de [ow]. Aqui a po-

pulação feminina eliminou mais a vogal do que a masculina (36 apagamentos, 80%, para eles e 42 apagamentos, 93% para elas). Note-se, ainda, que em relação ao ditongo [ey], há um aumento grande no número de apagamento da semivogal.

Por fim, chegamos à última variável extralingüística considerada, a idade dos informantes. As faixas etárias são duas, de 20 a 45 e de 46 a 74 anos, sendo 15 informantes para cada uma das faixas, o que resulta num total de 45 produções. Observamos que a população mais velha produziu mais monotongações (30 ocorrências, 67%) do que a população mais jovem (26 ocorrências, 58%).

Aparentemente, a população mais jovem estaria produzindo menos monotongações do que a população mais velha, isso tanto para [ey] quanto para [ow]. São 31 produções monotongadas (69%) para a população mais jovem face a 39 (87%) da população mais velha. Este resultado segue em sentido contrário ao de Amorim (s. d.) que encontrou mais apagamentos da semivogal na população mais jovem do universo que pesquisou. No entanto, cabe observar que, de todo o modo, as porcentagens de produções com o apagamento da semivogal, no nosso universo, é alto para os dois casos.

4. Conclusão

Confirmou-se, por meio dos experimentos, uma das assertivas constantes na literatura, a de que o tepe ou vibrante simples é o elemento lingüístico que mais contribui para o apagamento da semivogal dos ditongos /ey e /ow/ no português do Brasil. No que se refere à afirmação de que, via de regra, o ambiente pré-vocálico exerce o papel de mantenedor da semivogal, consideramos que nosso *corpus* não foi suficiente para dar uma resposta à questão. Esta merece, portanto, mais reflexões e, também, alargamento do *corpus*, incluindo mais vocábulos e outro ambiente vocálico, já que trabalhamos apenas com a vogal [a]. Quanto à terceira assertiva, a de que a monotongação independe de fatores sociais, isso se não se confirma de forma categórica em nosso *corpus*, e, nesse aspecto, necessitamos, ainda, de um controle maior sobre a espontaneidade da fala dos informantes, sobretudo os de nível superior.

Em síntese, apontamos os pontos mais importantes observa-

dos neste estudo, iniciando pelas variáveis linguísticas:

- quanto ao modo de articulação, o tepe se confirma como elemento linguístico que mais favorece a monotongação;

- quanto ao ponto de articulação, também o tepe mantém a vantagem em detrimento das outras articulações;

- quanto ao número de sílabas da palavra em que o ditongo ocorre, o contexto “polissílaba” é a que mais favorece a monotongação tanto no caso de /ey/ quanto no caso de /ow/; com este segundo ditongo, há, também, forte ocorrência da monotongação na categoria “monossílaba”;

- quanto à tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo, consideramos não ser um fator relevante para o processo fonético em questão;

- quanto ao ambiente pré-vocálico, conforme já dito acima, não se pôde chegar a conclusões peremptórias.

No que se refere às variáveis sociais, conforme consta na literatura, a monotongação parece independê-las. Na verdade, são os elementos linguísticos que mais interferem e o processo está estreitamente ligado a questões de coarticulação. No entanto, para dirimir dúvidas, no futuro há que se pensar em melhorar e ampliar o *corpus* e em trabalhar com um registro de fala mais livre.

Acreditamos, contudo, que os resultados contribuem como confirmação de alguns elementos já levantados na literatura específica e, sobretudo, para o registro e descrição da variante do português falado em Plácido de Castro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Gustavo da Silveira. *A monotongação no falar social de Feira Nova* (PE). Disponível em: <www.faintvisa.com.br/letras/a1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2008.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ARAGÃO, Maria do Socorro. *As pesquisas dialetais no Brasil: Aspectos fônicos – as vogais*. Disponível em: <http://sw.npd.ufc/abralin/anais_con2nac_tema178>.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CÂMARA Jr., J. Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 26. ed. 1997.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTTA, J. A. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguísticos do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.
- CARVALHO, Dolores G.; NASCIMENTO, Manuel. *Gramática Histórica*. S. Paulo: Ática. 14. ed. 1970.
- DUBOIS, J., Giacomo; M. Guespin. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2005.
- LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language - Journal of the Linguistic Society of America*, v. 57, n. 52, p. 267-308, June 1981.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- SILVA, Thaís Cristófaru. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.